

---

**BUCÓLICAS\***

Vanda Luiza de Souza Netto

A edição bilíngüe de *Bucólicas*, realizada por Raimundo Carvalho, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, é resultado de seu empenho no trabalho com a língua latina e com os versos de Virgílio. Os versos do poeta latino nos dizem que, embora este se ocupe em cantar a Natureza e seus pastores, ainda assim as dores e angústias do homem comum estão presentes em seu canto pastoril. No epítáfio escrito pelo próprio Virgílio encontramos um resumo de seus temas: “os pastos, campos e gerais”( p. 8)

Raimundo Carvalho, além de traduzir as *Bucólicas*, oferece ao leitor um utilíssimo glossário para esclarecer os termos da Antigüidade. Apresenta também uma tradução de Odorico Mendes e um texto em que discorre sobre a tarefa exaustiva, mas profundamente prazerosa da tradução, intitulado: “*Bucólicas de Virgílio: uma constelação de traduções*”. Para o autor “a tradução é uma arte histórica e culturalmente consolidada” (p.105), uma atividade que se nutre do signo poético, que vive das palavras e suas combinações infinitas. Para Carvalho o tradutor é um inventor, que recria o sentido original de uma língua para outra ou, pelo menos luta para conseguir isto. Um outro aspecto relatado é o caráter lúdico da leitura do texto latino e a busca pela palavra mais adequada em português. Raimundo Carvalho sentiu como se estivesse “fazendo vibrar esta venerável língua morta no corpo vivo da nossa, numa espécie de transe sígnico” (p. 140). A voz do poeta une-se à voz do tradutor para que assim possa ser ouvida por todos, para que o maior número possível de pessoas possa “ouvir” a música dos deuses.

No caso específico das *Bucólicas*, é ponto pacífico a estreita ligação do poema com o mito, fonte criativa e inspiradora de Virgílio. A linguagem poética está intimamente relacionada com a linguagem mítica pelo uso da analogia como eixo condutor. Ao mesmo tempo o entrecruzamento de autores gregos e latinos, reordenados por Virgílio, compõe um mosaico de histórias, mitos e rituais que expressam a riqueza de seus poemas e o brilho de sua obra.

Segundo Carvalho (p.118), os nomes dos pastores usados no poema /

---

\* Resenha do livro *Bucólicas*, de Virgílio, edição bilíngüe, tradução e comentário Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Tessitura/Crisálida, 2005.

écloga Bucólicas seguem uma tradição antiga em que estes nomes eram considerados “máscaras textuais”, pois escondiam personalidades reais da sociedade romana. Esta poesia de “máscara” está associada aos mitos dionisíacos e órficos, sendo que Dionísio (Baco) é citado com frequência. Os pastores árcades de Virgílio dão indícios dos ritos das religiões de mistério de Dionísio e Orfeu, resultado da observação do poeta.

Carvalho faz uso de seus profundos conhecimentos da língua Latina, buscando soluções que contemplam a precisão do Latim e a exuberância do Português. Tarefa árdua, pois uma língua é enxuta e a outra apresenta dificuldades em sintetizar. As bucólicas são analisadas uma a uma, o que facilita a compreensão do leitor em relação às dificuldades encontradas pelo tradutor. Os detalhes da tradução são relatados, e somos informados que Virgílio fez um poema em dez cantos, que se alternam em diálogos de pastores e monólogos. Muitas palavras são de uso pouco comum, especialmente as de espécies vegetais como “viburnos”, “codesso”, “serpilho”, e outros, espalhados pelas bucólicas.

Na Bucólica I, no diálogo entre Títilo e Melibeu, destaque para os versos 53 até 58, com aliterações em s, b, l, r, p e n que conservam a musicalidade de Virgílio. (p.17). No monólogo II encontramos nos versos 12 e 13 uma descrição tão vívida de uma tarde quente de verão, que é possível sentir o calor do campo e as cigarras gritando, sendo que Carvalho, no verso 13, acrescenta apenas uma palavra. (p.21)

Na Bucólica III a solução encontrada conseguiu superar o poeta, pois em nossa língua o verso 84 ganhou um vocábulo a mais com m, o que enriqueceu a aliteração de Virgílio:

Menalcas:

Dulce satis umor, depulsis arbustus haedis,  
Lenta salix feto pecori, mihi solus Amyntas.

É doce ao solo a chuva, o medronho ao cabrito,  
Salgueiro à cabra prenhe, a mim somente Amintas. (p. 37)

Na Bucólica IV o verso 30 adquire uma sonoridade especial com a aliteração “lho”:

E o tão duro carvalho orvalho-mel dará.

Nos versos 40 a 45 vemos a sonoridade das consoantes t, f, v, r, l:

Não temerá rastelo a terra ou foice a vinha;  
Nem o lavrador forte atrelará os touros;  
A lã não fingirá ter cores variadas,  
Mas no parado carneiro o velo tingirá,  
De múrice purpúreo e amarelo açafão;  
Vermelho vestirão as ovelhas pastando . (p.43)

No canto VI, verso 31 até 40, Virgílio descreve a criação do mundo, e é interessante observar que tantos séculos depois a ciência dá uma descrição muito próxima dos versos do poeta latino (p. 59). Na Bucólica VIII, Carvalho soluciona o problema de manter a aliteração de Virgílio, nos versos 9 e 10, ficando claro que o poeta se refere aos sapatos (coturnos) usados pelos atores das grandes tragédias, gênero de grande prestígio na cultura antiga:

Em erit ut liceat totum minhi ferre per orbem  
Sola Sophoclea tua carmina digna coturno?

Um dia poderei levar ao mundo inteiro  
Cantos dignos tão só do coturno de Sófocles? (p.73)

No canto IX, nos versos 35 e 36, Lícidas faz uma declaração de humildade, que nos leva a pensar se não seria a persona do poeta:

Pois de Vário ou Cina eu não fiz nada digno,  
E grasno como ganso entre cisnes canoros. (p. 85)

No mesmo canto, nos versos 42 e 43, o tradutor transportou para o Português a imagem do entardecer, das lentas sombras que silenciam os campos. No verso 42, a elipse do artigo “as” enxugou o texto e manteve a aliteração do “m” e do “v”, consoantes de muita sonoridade, com o acréscimo de apenas uma palavra em Português.

Para o leitor de Virgílio, aquele que faz parte da grande maioria dos leitores e não compartilha dos conhecimentos profundos da língua latina que Raimundo Carvalho possui, resta o prazer de ouvir a voz do poeta depois do extenuante trabalho da tradução. Resta-nos o prazer de aproveitar a mediação do tradutor, e saborear os versos antigos como fruta ao pé da árvore. Horácio referiu-se a Virgílio na ode I, 3, numa súplica aos deuses pelo retorno do amigo,

cuja ausência tanto maltratava: o poeta chama Virgílio de “metade de minha alma”. Será possível dizer algo mais intenso e absoluto que isto? O poeta é um mago das palavras e o tradutor busca levar para outras línguas esta magia, para que possa ser compartilhada com a humanidade. Nas palavras de Raimundo Carvalho é como se “eu estivesse fazendo vibrar esta venerável língua morta no corpo vivo da nossa, numa espécie de transe sígnico”. (p. 140)

Após a leitura destas *Bucólicas*, com tradução de Raimundo Carvalho, podemos concluir que não por acaso o autor traz em seu nome uma homenagem a Júpiter. Raimundo carrega onomasticamente a árvore sagrada do deus dos deuses. Acasos não existem.